

Dos primeiros aos *Últimos Poetas*: a intersecção *Hip Hop* – Islã¹

Bianca Caterina Tereza Tomassi

Francirosy Campo Barbosa Ferreira

Introdução

Selfish desires are burning like fires
among those who hoard the gold.
As the continue to keep the people asleep
and the truth from being told.
Racism and greed keep the people in need
from getting what's rightfully theirs.²

The Last Poets, 1977

Os objetivos deste artigo são: apresentar os motivos que resultam em uma aproximação de jovens pertencentes ao movimento *Hip Hop* ao Islã, e desta forma, evidenciar a importância de determinados fatos históricos que constituem esta aproximação, assim como, acentuar a importância da construção e afirmação da identidade negra para os adeptos do Islã no movimento *Hip Hop*. Partimos de dados coletados em campo de 2009 a 2011 em grupos diversos nas periferias de São Paulo³ e ABCD⁴. Cabe ressaltar que os interesses dos interlocutores desta pesquisa foi impulsionado por interesses políticos e sociais. Sendo que muitos dos muçulmanos vinculados ao *Hip Hop* são ou foram integrantes do Movimento Negro Unificado (MNU). Entretanto, há fatos históricos que aproximam o Islã dos negros e não são muito conhecidos entre os interlocutores, cujo grau de escolaridade varia entre o Ensino

¹Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado do primeiro autor sob orientação do segundo autor. Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio concedido.

²Tradução livre das autoras: desejos egoístas são queimando como fogos entre aqueles que acumulam o ouro. Como continuar a manter as pessoas dormindo e que a verdade seja contada. Racismo e ganância mantem as pessoas necessitadas em obter o que é delas por direito.

³Outras regiões de São Paulo como Embu e Francisco Morato também fazem parte desta pesquisa.

⁴Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano e Diadema, cidades da grande São Paulo.

Fundamental incompleto ao Ensino Médio completo. Outro dado relevante é que a maior parte das informações se encontra em inglês, o que dificulta o acesso. Nos livros didáticos do Brasil as informações sobre os negros recebem pouca atenção⁵.

Em primeiro gostaríamos de chamar a atenção do título deste artigo, no qual é feita uma referência ao grupo *The Last Poets*. José Gomes da Silva (1998) em sua tese de doutorado “*Rap na Cidade de São Paulo: Música, etnicidade e Experiência Urbana*”, em uma pequena nota citou este grupo. Silva (1998) deu a entender que esse foi um grupo pioneiro, que inspirou a formação e a constituição do que conhecemos por *rap* atualmente. Silva escreve que “o grupo inseria-se ideologicamente no contexto do nacionalismo negro e do islamismo. Servia-se das rimas e da percussão para exprimir seu protesto frente à segregação racial.” (p.42). Por meio desta nota, constatou-se que praticamente não há bibliografia sobre esse tema, entretanto, diversas informações vinculadas na internet afirmam que seus membros eram muçulmanos⁶.

O grupo *The Last Poets* teria surgido oficialmente em 19 de maio de 1968 (aniversário do Malcom X) no Harlem, NY. O grupo acreditava que a poesia em geral estava se esvaindo e como uma forma de resgatar “a alma da poesia” o grupo lançou o disco *Hustler Convencion*, produzido por Jalal Nuriddin, muçulmano, líder e militante do movimento negro.

O grupo norte americano também é considerado como um dos primeiros grupos de música negra a valorizar a poesia e a rima, na década de 1960. O último álbum do grupo foi gravado em 1997. Embora seja um grupo não muito conhecido no Brasil, é considerado por alguns *djs* e *rappers* como verdadeiro precursor do movimento artístico do que conhecemos por *rap*. Os anos 1960, nos Estados Unidos, foram marcados pela eclosão dos movimentos negros e sua reivindicação por igualdade e direitos civis, contando com a participação de muitas figuras de destaque como, por exemplo, Malcolm X, Martin Luther King, o ex-pugilista e ex-campeão mundial da categoria peso-pesado Muhammad Ali (Cassius Clay), integrantes dos movimentos *Black Panthers* e *Black Power*, entre outros ganharam muito destaque.

⁵ Ver por exemplo a Tese de Doutorado de Rachel Rua Baptista Bakke. Na escola com os orixás o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da lei 10.639. 2011. PPGAS – USP, 2011.

⁶ Entre eles os seguintes sites: http://en.wikipedia.org/wiki/The_Last_Poets, http://gl.wikipedia.org/wiki/The_Last_Poets e <http://www.myspace.com/lastpoets>. Acesso em 10 de janeiro de 2011.

Cada um desses atores teve sua trajetória particular. Ao que tudo indica, a década de 1960 foi uma época de “expansão” do Islã entre os negros, isto não significa que todos negros engajados politicamente aderiram ao Islã. Martin Luther King, por exemplo, era cristão, mas conhecia muitos muçulmanos e tratava a religião com respeito. Não considerava o Islã uma religião distante do cristianismo protestante que seguia, pois, em sua visão, ambas acreditam e pregam a unicidade divina.

Mas então porque o Islã eclodiu nos EUA, na década de 1960? Será que ícones do movimento negro como Malcolm X, *Black Panthers*, Muhammad Ali influenciaram novos adeptos para o Islamismo, ou foram influenciados a seguir o Islã por conta de uma efervescência política e social que acontecia na época?

Malcolm X conheceu o Islã enquanto estava preso, influenciando, posteriormente, o pugilista Cassius Clay que, após sua reversão adotou o nome de Muhammad Ali. Ambos são marcados por combater o sistema de segregação racial vigente na sociedade norte-americana e por posições políticas contrárias às dos EUA. É o caso de Ali, que não compareceu à convocação à Guerra do Vietnã. Tal posição levou-o à prisão e fez com que perdesse sua licença para lutar boxe profissionalmente. Logo, os anos 1960 na América do Norte, foram marcados por reivindicações e pela busca de uma identidade e de uma autoafirmação negra. Nesta época, os negros intensificaram o processo de questionamento acerca de sua identidade e sua própria história. Problemas que, segundo suas conclusões, não eram retratadas nos livros escolares, na mídia, nas universidades e em outros espaços que deveriam promover discussões e reflexões acerca dos problemas envolvendo a identidade negra.

Podemos destacar ainda a expansão islâmica no continente africano que posteriormente possibilitou a chegada de muitos negros muçulmanos escravizados às Américas. Não é necessária uma pesquisa muito aprofundada para visualizar que os livros didáticos de história (do Ensino Fundamental ao Ensino Médio) do Estado de São Paulo dedicam pequenos parágrafos à história dos negros no Brasil e no mundo, principalmente quando se trata da Revolta do Malês, ocorrida em Salvador em 1835. Existem relatos de colegas e professores que passaram por essas partes da história, por não haver relevância para o vestibular.

Nos EUA, assim como no Brasil, os negros foram trazidos de suas terras e escravizados. A expansão do Islã (630 – 735 a.d), nos tempo do profeta atingiu grande parte do continente africano. Desde o início, a adesão ao Islã no continente africano

ocorreu de uma forma muito bem sucedida, pois conquistou uma grande massa de fiéis, atendendo aos anseios dos líderes religiosos da época.

O Islã é a religião em que Deus e os profetas não podem ser retratados, levantando incógnitas a respeito da própria cor de Deus. Outro ponto crucial na conversão espontânea foi, segundo a tradição islâmica, a ação do Profeta Muhammad ao comprar e libertar homens que eram escravos. O Islã, portanto dava destaque aos negros, sendo que um deles até mesmo se tornou um dos principais seguidores do profeta, sendo inclusive o primeiro muçulmano⁷ a fazer o *Azan*, o chamamento para as orações (Reis, 2006). Portanto, não foi nada difícil o Islã ser absorvido pelos africanos, embora isso tenha gerado algumas variações na prática religiosa, misturando-se com alguns costumes locais.

Muitos desses negros, que carregavam esse Islã mesclado com algumas outras práticas, chegaram à América do Norte da mesma forma que chegaram ao Brasil: por meio da escravidão e comercialização de negros. Enfim, na década de 1960, muitos negros americanos redescobriram sua própria história e buscavam por uma identidade negra. Embora a repercussão do Islã nos EUA tenha ganhado destaque na década de 1960, isso era apenas algo do que já havia sido plantado alguns anos atrás.

Podemos dizer que se a semente da religiosidade islâmica foi plantada pelos negros nas Américas nos séculos XV, XVI e XVII, com os homens escravizados, mas ela só começou a brotar no início do século XX.

Primeira parte do século XX: O “reencontro” com o Islã

No princípio do século XX, um homem negro chamado Timothy Drew, que posteriormente aderiu ao nome de Drew Ali, tentou fundar algo que chamou de *Templo Americano da Ciência Moura*, onde se baseava em alguns princípios islâmicos herdado da sua criação familiar. Somou a isso um estudo parcial e tendencioso do Alcorão à sua criatividade peculiar, pois parte de princípios sem dados ou referências.

Drew criou esse “templo” em 1913, e dizia que os negros e mouros, deveriam recuperar suas terras, sua religião e cultura que foram usurpadas pelos homens brancos. Por conta do barulho que estava fazendo entre os negros, em 1929, Drew foi assassinado. Pouco tempo depois surge Wallace Fard, que dá prosseguimento às ideias de Drew. Fard acreditava que sua missão era conduzir os negros à sua religião de origem africana, o

⁷ Conhecido como Bilal Ibn Rabah.

Islã. Para tanto, expande conceitos que não estão fundamentados no Alcorão⁸, mas em livros sagrados anteriores como a Bíblia, por exemplo. Entre esses conceitos estava a crença de que os negros eram descendentes dos primeiros humanos, pois o homem havia sido feito do barro.

Mas as diversas interpretações acerca da origem do homem são tão extensas quanto a imaginação do homem (Armstrong, 2000). Sendo assim, posteriormente existiram aqueles que buscando justificar uma integração racial, dizem que Adão era negro, pois veio do barro e que Eva era branca, pois havia sido feita de uma costela, branca como um osso⁹.

Porém, na interpretação de Fard, Adão e Eva eram negros. Talvez ele nem tenha chegado a pensar sobre a possibilidade de Eva ser branca, mas de fato Fard não se interessava por uma integração racial. Para ele, que de algum modo acertou¹⁰ em sua “profecia”, os negros em geral, sendo homens ou mulheres eram descendentes dos primeiros humanos e cuja versão mais pura poderia ser encontrada na África e no Oriente Médio. Mas Fard também propõe uma teoria inusitada ao dizer que esses primeiros humanos (todos negros) viviam em uma civilização muito avançada, tão avançada que alguns cientistas, (mais especificamente um chamado Yakub) desta antiga civilização haviam conseguido isolar dois genes. Um gene negro, forte e outro gene branco e fraco. E por meio deste gene mais fraco, surgiu uma raça degenerada, gananciosa e violenta, que acabou controlando o mundo e escravizando os negros.

Essas informações sobre Fard não são facilmente encontradas em português por isso partimos de informações trazidas por meio da leitura do livro “The Five Percenters: Islam, *Hip Hop* and The Goods of New York”, escrito por Michael Muhammad Knight (2009). O livro conta que em 1934 Fard, desaparece misteriosamente, mas um de seus seguidores, Elijah Muhammad, assume a missão de difundir as “revelações” de Fard.

⁸ Vale ressaltar existem seis pilares da fé e cinco pilares da prática no Islã. Os pilares da fé são: Fé em um Deus Único; Fé nos Anjos; Fé nos Livros Sagrados; Fé nos Profetas; Fé na Predestinação; Fé na Ressurreição no Dia do Juízo Final. Por este motivo o muçulmano respeita e reconhece os livros sagrados que vieram antes do Alcorão. O Alcorão seria o último complemento dos livros anteriores. Mas, o Alcorão, por ter sido decorado e memorizado acredita-se que tenha mais valor, pois suas palavras não foram modificadas, segundo a crença islâmica e por isso permanecem as mesmas daquelas que foram usadas no dia da revelação, isto é, são as palavras exatas de Deus, enquanto os outros livros passaram por algumas deturpações dos homens. A maioria dos muçulmanos sunitas, aqueles que seguem a Sunna, livro que fala sobre as ações e posturas do Profeta Muhammad durante sua vida cotidiana, acreditam que o Alcorão é o último livro sagrado que foi revelado e que Muhammad foi o último profeta.

⁹ Discurso colhido em campo.

¹⁰ Estudos recentes apontam o continente Africano como o berço da humanidade. Veja o exemplo no site: <http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/noticias/0,,OI4941671-EI8399,00-Por+que+os+primeiros+homens+deixaram+a+Africa.html> Acessado em: 10/05/2011.

Segunda metade do século XX: Adaptando o Islã a uma nova realidade

Elijah Muhammad foi quem organizou e deu forma a aquilo que posteriormente foi nomeado como “Nation of Islam”, organização religiosa que conquistou adeptos como Malcolm Little, mais conhecido como Malcolm X¹¹ e Cassius Clay, que após a reversão atendia apenas por Muhammad Ali, nome escolhido por ele mesmo.

Elijah foi preso diversas vezes por defender que os membros da “Nação do Islã” não prestassem serviço militar. Foi assim que Muhammad Ali, também foi condenado à prisão, pois se negou a comparecer aos serviços militares, principalmente em plena época em que ocorria a guerra do Vietnã (1960-1975). Mas Elijah não pregava a paz, na verdade ele defendia que os negros não deveriam apoiar os brancos em problemas que eles (os negros) nada tinham a ver. Elijah inclusive suscitava a perseguição dos homens brancos que eram considerados racistas. Em outras palavras reagia ao racismo, com racismo.

Malcolm X se deu conta de que Elijah não era o homem bom e gentil que aparentava ser e que não estava verdadeiramente ligado as praticas islâmicas, muitas vezes não praticava as ações que ele mesmo sugeria. Malcolm também descobriu que Elijah havia se envolvido com diversas mulheres, muitas à força, e que Elijah não assumia os filhos dessas relações (forçadas ou não), pagando ou ameaçando essas mulheres para que ficassem quietas, pois algumas até tentaram levar isso a mídia e denunciá-lo, mas algumas acabaram mortas “misteriosamente”. O intrigante é que entres as vitimas de Elijah encontravam-se mulheres brancas e negras.

Neste ponto, vale a pena destacar uma pequena parte da biografia de Malcolm X para compreendermos melhor alguns motivos que o levaram a se identificar com a Nação do Islã e que atualmente tem uma repercussão significativa nos discursos dos revertidos¹² negros e adeptos do *Hip Hop*.

¹¹Malik Al-Habazz foi o nome islâmico escolhido por Malcolm X, mas esse nome era mais utilizado e conhecido pelos seguidores da Nação do Islã. Como porta voz do movimento ele era chamado apenas como Malcolm X. Pouco antes da sua saída da prisão, Malcolm descobriu que “Little”, pequeno em inglês, era um “sobrenome” recebido pelos brancos que escravizaram seus antepassados. Assim resolveu atribuir a letra “X” ao seu sobrenome de origem africana por este ser desconhecido.

¹²Revertido é uma terminologia nativa. Para os muçulmanos todos os homens nascem muçulmanos, mas durante a sua vida por motivos diversos, (como desconhecimento da família ou por influencia da cultura e/ou religiosidade vivenciada), não seguem os preceitos islâmicos. Quando por escolha própria desejam e passam a seguir o Islã, são considerados revertidos e não convertidos, pois estão retornando ao estado de origem do homem que é ser muçulmano. Muçulmanos significa entregar-se a Deus, ou seja, para os muçulmanos os homens nascem para servir a Deus e seguir o Islã significa cumprir com a vontade de d’Ele. (FERREIRA, 2007).

Malcolm era filho de uma mulher branca com um homem negro. Entretanto sua (avó materna) havia sido estuprada por um homem branco e por isso sua mãe havia nascido com a pele clara. O ódio que sua avó sentia pelos homens brancos foi transmitido a sua filha, que mesmo sendo branca, considerava-se uma mulher negra, pois as características de sua pele eram resultado de um erro e de uma violência que a envergonhava. Sentia vergonha de ser branca, a cor de sua pele era tida como uma doença que foi transmitida pelo estuprador de sua mãe.

A mãe de Malcolm aparentemente nunca se relacionou com homens brancos, sendo que todos seus filhos nasceram negros. Mas ela infelizmente viveu numa época em que a Ku Klux Klan (KKK), movimento de homens brancos, contra os negros. Queimavam, torturavam e perseguiram os negros. A intenção da KKK era impedir a integração dos negros recém-libertados. Lutavam para que os negros não adquirissem o título de cidadãos, sendo, portanto impossibilitados de adquirir terras e de votar. Sendo assim, a infância de Malcolm é marcada por recordações conflituosas. É separado de sua mãe por volta dos oito anos e é colocado para adoção. Durante seu crescimento, sentiu-se discriminado na escola, especialmente quando disse a um professor que desejava ser advogado e este fez pouco caso, dizendo que um negro não precisava estudar e que ele nunca seria um advogado.

Isso desestimulou Malcolm, e no decorrer da sua juventude se entregou as drogas, furtos entre outras ações criminosas. Envolvia-se frequentemente com mulheres brancas, esquecendo-se de tudo que viu e vivenciou durante a infância. Malcolm costumava alisar e clarear os cabelos. Até que após ser preso, um colega de presídio começou a questioná-lo sobre isso.

Malcolm conhece o Islã por meio desse colega e também por meio de cartas que um de seus irmãos lhe escrevia falando sobre o Islã, e assim faz a *shahada*¹³, primeira atitude para reverter-se ao Islã, no presídio em que se encontrava.

Ao cumprir sua pena, Malcolm sai da prisão com indicações para procurar Elijah da Nação do Islã. Elijah que vê em Malcolm uma grande capacidade de oratória e retórica, o deixa cada vez mais em destaque, sendo praticamente o principal porta-voz da Nação do Islã.

¹³ É o primeiro pilar do Islã e o testemunho da fé em *Allah*. Simboliza a reversão por meio das seguintes palavras ditas em árabe: *La ilaha illa-lah an Muhammadur rasulu llahi*. Transliteração disponível em: www.islam.com Acessado dia 04/03/2011. Que significam “Não há outro deus senão Deus. E Muhammad é o Profeta”.

Mas após descobrir certas atitudes, consideradas incorretas, de Elijah, Malcolm resolve, segundo sua biografia, conhecer mais sobre a própria religião e faz o *haji*¹⁴. A ida de Malcolm à Meca torna-se uma experiência tão significativa que muda seu discurso contra os brancos. Malcolm volta dizendo que só agora conheceu o verdadeiro Islã e rompe com a Nação do Islã. Como sabemos, Meca reúne diversos muçulmanos de diferentes lugares do mundo. E segundo Paulo Hilu da Rocha Pinto, o *haji*:

faz com que os peregrinos transcendam as diferenças culturais e sociais existentes entre si e vivam sua identidade muçulmana como um elo que os conecta com os muçulmanos em todo o mundo. Isso faz com que a peregrinação a Meca tenha uma estrutura de **um rito de passagem** (Van Gennep, 1978). Ela inclui a separação dos peregrinos de suas sociedades de origem tais como o abandono de adornos e roupas cotidianas em prol do *ihram*, um pano branco que enrolado no corpo como túnica, para os homens e uma túnica negra que cobre os cabelos e o corpo para as mulheres (PINTO, 2010, p.65)

Assim, podemos concluir que esse rito de passagem, ou seja, a viagem de Malcolm a Meca, inclui a incorporação de uma identidade muçulmana renovada. Tanto que alguns usam o título de *Hajji* ou *Hajja* antes do nome. Malcolm também decidiu incorporar esse título ao seu nome. Mas apenas dois meses após sua saída da Nação do Islã, Malcolm foi assassinado.

Esse pouco tempo em que esteve desvincilhado da Nação do Islã, parece ter sido o suficiente para que muitos negros, por meio dos depoimentos de Malcolm, vissem o Islã de outra forma. Afinal, ele voltou do *haji* com a percepção de que os homens, sendo brancos, negros, asiáticos, enfim, todos poderiam e deveriam ser muçulmanos. Malcolm concluiu que as palavras de Deus foram reveladas por Muhammad para todos os homens e mulheres, não apenas para os negros. Abaixo segue trechos de uma carta escrita por Malcolm em 16 de setembro de 1964, enquanto estava no *haji*:

¹⁴ Peregrinação à Meca que todos os muçulmanos em condições financeiras e de saúde devem realizar pelo menos uma vez na vida. É o quinto pilar da prática do Islã. Os pilares da Prática são: 1. a "*shahada*", quando o homem professa que existe um só Deus e que Muhammad, (ou algum outro profeta, como Adão, Abrão, Jesus entre outros) é o mensageiro de Deus. A *shahada* também conhecida como "reversão", o retorno do homem ao caminho da senda reta. 2. as cinco orações diárias que o muçulmano deve fazer. 3. o jejum que deve ser feito no mês de Ramadã. 4. O *zakat*, que é a contribuição do muçulmano para com seu próximo, um tipo de caridade que se baseia em 2,5% da renda anual de um muçulmano comerciante, sendo que para algumas outras profissões existe um cálculo diferenciado para saber o valor exato da contribuição. Mas entre a grande maioria dos meus entrevistados, o *zakat* é pago não apenas em dinheiro, mas também por meio de alguma ação comunitária que beneficie o próximo.

A América precisa entender o Islam, porque esta é uma religião que apaga da sociedade o problema da raça. Através de minhas viagens no mundo islâmico, eu tenho encontrado, falado, e mesmo comido com pessoas que na América seriam consideradas 'brancas' - mas a atitude 'branca' foi removida de suas mentes pela religião do Islam. Eu nunca tinha visto antes uma irmandade verdadeira e sincera praticada por todas as cores juntas, independente de suas cores.

Você pode estar chocado por estas palavras virem de mim. (...) durante os últimos onze dias aqui no mundo muçulmano, **eu tenho comido do mesmo prato, bebido do mesmo copo, e dormido no mesmo tapete - enquanto orando para o mesmo Deus - com irmãos muçulmanos, cujos olhos eram os mais azuis dos azuis, cujo cabelo era o mais louro dos louros, e cuja pele era a mais branca das brancas.** E nas palavras e nas ações e nos atos destes muçulmanos 'brancos', eu senti a mesma sinceridade que senti entre os muçulmanos negros africanos da Nigéria, Sudão e Gana.

Nós éramos verdadeiramente todos os mesmos (irmãos) - porque sua crença em um Deus tinha removido o 'branco' de suas mentes, o 'branco' de seu comportamento, e o 'branco' de suas atitudes. Todos os louvores são para Allah, o Senhor de todos os Mundos (...).

Após o *haji*, Malcolm muda o seu discurso e funda a Organização da unidade Afro-Americana, organização não religiosa e não sectária. Malcolm não enxerga mais Elijah como um bom muçulmano e propaga isso. Acredita-se que esse tenha sido o principal motivo de seu assassinato, embora a polícia tenha especulado o envolvimento da Nação do Islã nisso, nunca conseguiram provar esse real envolvimento e a pessoa presa como responsável pelo seu assassinato nunca fez declarações sobre a Nação do Islã.

Esta fase em que Malcolm não esteve atrelado a Nação do Islã e é morto em um discurso em defesa dos direitos dos negros é a fase mais conhecida e a mais significativa para os muçulmanos envolvidos no movimento *Hip Hop* mesmo que os detalhes da história não sejam conhecidos.

Após a morte de Malcolm, Elijah continua a liderar a Nação do Islã até 1975, ano de sua morte. Após isso o grupo se ramificou em dois grupos. Um liderado pelo filho de Elijah, chamado Warith Deen Muhammad, que rejeitou e reformulou a doutrina de seu pai, a aproximando-se do sunismo e do sufismo. O outro grupo ficou nas mãos de Louis Farrakhan Muhammad que ainda segue os preceitos instituídos por Elijah e continua a defender a segregação entre brancos e negros, sendo chamado por alguns como “*The Black Hitler*”. Recentemente em 2009, Farrakhan, estimulou seus adeptos a não tomarem

a vacina H1N1 (Influenza A, vulgarmente conhecida no Brasil como gripe suína), pois acreditava que a vacina havia sido criada para despovoar a terra. Em discurso disse:

The popular belief of some is 'We just can't feed that many'. So what are you going to do? Kill as many as you can. We have to develop a science that kills them and makes it look as though they died from some disease (21/out/2009 – Memphis)¹⁵

Cabe destacar que o reconhecimento da identidade muçulmana está em constante disputa. Muitos, por exemplo, não consideram os membros da Nação do Islã como muçulmanos, pois acham um absurdo que esses cheguem ao ponto de acreditar que Elijah e Fard foram profetas e representantes de Deus.

Os registros historiográficos evidenciam que o Islã se tornou uma religião muito ligada aos negros nos Estados Unidos, principalmente durante a década de 60 e 70. Tanto que, nos EUA, o islamismo é considerado uma religião afro-americana. Atualmente essa imagem mudou bastante nos EUA, principalmente por conta da associação midiática do Islã aos árabes e aos terroristas. Entretanto essa associação do Islã a uma identidade negra ainda é muito presente. Podemos encontrar diversos cantores e músicos negros que se declaram ou se declaram muçulmanos, tais como Michael Jackson, Snoop Dog, Jay-Z entre muitos outros¹⁶. Enquanto isso aqui no Brasil, o Islã ainda é muito associado aos árabes por conta da migração libanesa entre os anos de 1975 e 1991, época em que ocorria a Guerra Cível no Líbano e outras levadas anteriores. Apesar da chegada do Islã ao Brasil ter ocorrido de forma similar aos Estados Unidos, por aqui não houve um desenvolvimento da religião entre os negros, como naquele país. A maioria das pessoas que entrevistamos se aproximaram do Islã por meio de estudos sobre Malcolm X, por meio do movimento negro, ou por meio de grupos musicais (especialmente o *rap*), os quais contavam com alguns integrantes muçulmanos. É o caso do grupo “*The Last Poets*”, mencionado anteriormente. Esse conjunto, a princípio não utilizava instrumentos em suas músicas, mas conforme a tecnologia musical foi se desenvolvendo, começaram a utilizar outras músicas como fundo, ou como os nativos chamam: base.

¹⁵Tradução livre das autoras: “A crença popular de alguns é: ‘Nós não podemos alimentar muitos. Então o que fazer? Matar o máximo que puder. Nós temos que desenvolver a ciência para matá-los, e fazer crer que a causa da morte foi alguma doença.’”.

¹⁶ Como podemos no seguinte site acessado dia 6 de maio de 2011:

<http://virgula.uol.com.br/ver/album/musica/2009/03/06/5797-artistas-que-viraram-muculmanos>

Portanto é nítido que a difusão do Islã na década de 1960 coincide com o surgimento do *rap*, do *break* e do que posteriormente veio a constituir o *Hip Hop*. Outro ícone de grande importância para o movimento *Hip Hop* é Kevin Donovan, nascido em 1957, negro e muçulmano, mais conhecido como Afrika Bambaataa. Considerado o fundador do *Hip Hop* por identificar elementos artísticos e culturais que coexistiam entre si e junta-los a fim de constituírem o *Hip Hop*, Bambaataa fundou a ONG Zulu Nation, onde difunde os elementos culturais e artísticos do *Hip Hop*, defendendo a ideia de que o *Hip Hop* é uma cultura de rua. Não obstante, ele principalmente estimula a busca por conhecimento e sabedoria. Partiu dele a instituição do “conhecimento” como quinto – e por enquanto o último – elemento que veio agregar-se ao *Hip Hop*, enquanto os outros elementos já existiam e interagiam entre si. Dentro da Zulu Nation ou no movimento *Hip Hop*, Bambaataa não faz apologia ao Islã, mas defende veementemente a integração étnica. Defende também que a fé é um sentimento importante ao homem, independente da religião que se escolha seguir. Entretanto, justamente a ausência de proselitismo por parte de Bambaataa, desperta a curiosidade de muitas pessoas sobre a sua religião. O que indiretamente acaba difundindo o Islã significativamente ao ponto de influenciar muitas reversões, inclusive aqui no Brasil.

Início do século XXI: Construindo o presente

Hassan¹⁷, 27 anos, revertido há três anos, integrante do movimento *Hip Hop* diz que por intermédio do quinto elemento do *Hip Hop* – que propõe a busca por conhecimento – foi atrás da história do movimento e da história de Babaataa. Como é branco, Hassan se diz mais identificado com Babaataa que propõe explicitamente a integração étnica, do que com ícones como Malcolm X, que são majoritariamente citados entre os revertidos do *Hip Hop*, mesmo entre os brancos.

A Revolta dos Malês não deixa de ser uma porta para conhecer o Islamismo. No entanto, a maioria dos muçulmanos presentes na pesquisa, só souberam sobre os Malês, após a inserção no Islã, por meio dos ícones norte-americanos. Os dados coletados indicam que a história dos Malês vem ganhando mais força, pois há um trabalho de divulgação, organizado por jovens do Movimento Negro Unificado e por muçulmanos que trabalham na CDIAL (Centro de Divulgação do Islã na América Latina), localizado em São Bernardo do Campo - SP. No caso, trata-se de uma tentativa de aproximação

¹⁷ O nome foi modificado para preservar a identidade do entrevistado.

entre o Islã e o movimento negro, baseado em uma passagem histórica específica em que os atores estavam ligados às duas identidades, formando assim uma conexão entre as duas esferas (muçulmana e negra).

Os membros do *Hip Hop* consideram a passagem dos Malês – e outros muçulmanos negros como os Haussas, de grande e intensa importância. Pois, revela uma luta, uma rebelião contra a escravidão. Logo, segundo os muçulmanos do *Hip Hop* trata-se de uma das primeiras revoltas contra as injustiças sociais na história do Brasil. Delegando ao Islã um papel político potencialmente capaz de trazer uma mudança na esfera social.

A intenção desses muçulmanos é mudar a imagem de que, no Brasil, os negros estão ligados apenas às religiões afro-brasileiras como, por exemplo, o Candomblé, a Umbanda, Quimbanda e demais variantes não institucionalizadas. Em uma Festa do Sacrifício (*Eid Al Adha*)¹⁸ – em que os muçulmanos comemoram o fim de uma época propícia para a realização do *Hajj* e também em memória a Ibrahîm (Abraão) que quase sacrificou seu filho em nome da vontade de Deus – um senhor negro de 65 anos nos relatou:

Antes de conhecer o Islã, passei por diversas religiões. Achava que existiam religiões de brancos e religiões de negros. Como negro eu não queria ser cristão nem católico. Pois nunca gostei de entrar em igreja não só pela exposição demasiada de sofrimento – como se só eles sofressem no mundo – mas, também por conta de todas as imagens serem de branquelos. Por isso procurei a Umbanda, o Candomblé, passei por Preto-velhos, por Exú, depois tentei ser Rastafari. Enfim, penei muito antes de encontrar o Islã. Quando soube que o Islã havia influenciado inclusive a Umbanda e o Candomblé por meio das roupas das bahianas e em outros hábitos descobri a história dos Malês e resolvi ir a uma mesquita. Só no Islã me encontrei. Pois na mesquita não tem imagens, não tem sofrimento, só existe a palavra de Deus e um único Deus que não tem cor.

Neste ponto é pertinente esclarecer ao leitor um pouco mais sobre quem foram os Malês¹⁹. Segundo João José Reis, Malê é uma expressão que vem da palavra imalê que em iorubá quer dizer muçulmano. Os malês trazidos ao Brasil como escravos também eram conhecidos como Nagôs. Mas nem todos os nagôs eram muçulmanos. Nagô era uma etnia que incluía negros de outras religiões. O grupo mais islamizado era o grupo

¹⁸ Ver FERREIRA (2007).

¹⁹ Existem algumas controvérsias sobre o significado da palavra. Para M. Mauss Malê era aquele que vinha de Malí, mas segundo João Reis a região denominada Mali é que recebeu esse nome por ser uma região repleta de muçulmanos. Para saber mais ver “A Rebelião Escrava no Brasil – A História do Levante dos Malês em 1835” (2003, p. 175 à 180).

Haussá. Por conta dessa passagem dos Haussás pela história brasileira, que em 1993 foi fundada a *Posse*²⁰ Hausa em São Bernardo do Campo por jovens participantes do movimento negro, que buscavam e ainda buscam:

Construir a autoestima do jovem negro, ou seja, romper com os estereótipos negativos construídos sobre a imagem do negro, e reproduzidos de maneira simbólica na sociedade atual, promovendo o resgate histórico da luta do negro no Brasil e no mundo, valorizando suas características corporais e culturais. É isso que a Posse Hausa desenvolve através dos cinco elementos culturais do *HIP HOP*.²¹

Alguns dos fundadores da posse se tornaram muçulmanos, outros não. Entretanto, o nome dado a Posse Hausa evidencia a importância histórica do levante de escravos ocorrido na madrugada do dia 25 de janeiro de 1835.

Retomando a digressão histórica podemos considerar que os muçulmanos trazidos como escravos dominavam o árabe, além da sua própria língua e um pouco das línguas de outros grupos e tribos africanas. Eram letrados e foram considerados perigosos por lerem o Alcorão. Nesta época é que a palavra “arabesco” ganhou conotação de escrita tosca, rabisco. Não se acreditava que aqueles negros, escravos sabiam ler ou escrever algo. E para os portugueses não passavam de rabiscos.

Por desconhecerem a língua árabe e a religião, a maioria dos brancos acreditavam que se tratava de uma conspiração ou de alguma magia contra o homem branco. Esses negros andavam com amuletos produzidos por eles mesmos com passagens do Alcorão, e diziam que esses amuletos os protegeriam do vento. Na interpretação de João José Reis (2006), ao falarem dos amuletos que os protegeriam do vento os escravos estavam se referindo aos maus espíritos, ou seja, aos *gjins* (Gênios em português).

Os nagôs não muçulmanos, devotos dos orixás, também faziam o uso dos amuletos muçulmanos, que para eles também tinham um grande poder protetor. Para João Reis os nagôs não muçulmanos também recorriam à sábios malês para conselhos e adivinhações, existiam uma fronteira onde as duas religiões se encontravam, pois uniam-se principalmente como entidade étnica, como pessoas que falavam a mesma língua,

²⁰ Segundo Silva (1998), Andrade (1996), determina o conceito de Posse da seguinte forma: “As Posses são associações locais de grupos de jovens que têm como objetivo reelaborar a realidade conflitiva das ruas nos termos da cultura e do lazer. Normalmente reúnem grupos de *rap*, *breakers* e grafiteiros com o objetivo de promover ‘o aperfeiçoamento artístico dos elementos do *Hip Hop* e a divulgação dessa cultura de rua em sua autenticidade’” (Silva, 1998, P.162).

²¹ Informação presente no site: <http://possehausa.blogspot.com/2010/04/re-significando-negritude-atraves-do.html> consultado no dia 06/03/2011.

tinham histórias e vivências em comuns e em alguns casos haviam obedecido aos mesmos reis africanos.

Por isso, quando os malês começaram a planejar a revolta, não hesitaram em convidar não muçulmanos para o levante. Fizeram o possível para convencer o maior número de escravos de que não deveriam servir ao homem branco. Para os malês, o homem deveria servir e ser submisso apenas a Allah. Ao se rebelarem contra a escravidão, os malês entregavam seus destinos a Deus e não mais aos brancos. Com esses argumentos, os malês convenceram negros de outras religiões a juntarem-se a eles no levante, embora a maioria dos participantes ainda fosse de homens muçulmanos.

Organizaram-se, na madrugada do dia 25 de Janeiro de 1835, como já foi dito. Mas o interessante é que existem muitos indícios que essa data²² foi escolhida por ser mês de Ramadã. Mês de grande importância para os muçulmanos, pois os muçulmanos acreditam que durante esse mês o anjo Gabriel fez a revelação do Alcorão a Muhammad. Isso serviu de estímulo para que outros grupos muçulmanos como os Haussás aderissem à rebelião.

Segundo o Alcorão a Noite do Decreto que ocorre no fim do mês de Ramadã, “é melhor que mil meses, Nela descem os anjos e o Espírito (Anjo Gabriel), com a anuência de seu Senhor, para executar todas as Suas ordens. Ela é de paz até o romper da aurora” (Alcorão: 97: 503). Em sua tese de doutorado, Ferreira (2007) relata que “nos dez últimos dias do mês de Ramadã, os muçulmanos intensificam as boas ações, as orações e procuram passar a noite, em dias ímpares, rezando na mesquita”. Nesses dias Deus envia sinais, que são vistos como bênçãos pelos muçulmanos, que aproveitam essa data para fazerem seus pedidos a Allah.

Segue um texto que Ferreira (2007) destacou em sua tese.

²² João José Reis (2003) relata em seu livro “*Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835*” que existem duas possibilidades a respeito da escolha do dia da rebelião. A primeira é que os escravos se organizaram nesta data por ser um feriado dedicado a Nossa Senhora da Guia, dia em que ocorria “uma grande celebração que faz parte do ciclo de festas do Bonfim, bairro que ainda era rural naquela época. Um local cheio de roças, hortas, fazendas e engenhocas, distante cerca de oito quilômetros do centro urbano de Salvador. Domingo da Senhora da Guia – um bom dia para os escravos se rebelarem, já que estariam mais livres da vigilância senhorial”. (Reis, 2003; 125). A segunda hipótese, mais plausível e provável, é que os negros reuniram-se neste mês por ser Ramadã e especialmente neste dia, por ser a Noite do Decreto. Reis (2003, p. 546) defende que “os malês esperavam combinar o relaxamento do poder senhorial num domingo de festa cristã com o seu próprio fortalecimento espiritual num dia propício do mês sagrado do Ramadã.

Alguns exegetas situam a Noite do Decreto – a noite em que o Alcorão foi revelado ao Profeta Muhammad – na 25^o ou na 27^o noite, mas outros admitem qualquer um dos dez últimos dias ímpares desse mês e não há um consenso sobre isso. O fato histórico comprovado é que foi durante o retiro espiritual do Ramadã do ano cristão de 610, na caverna do monte Hira, que sua primeira surata (...) foi revelada. (...) O significado místico é evidente. Uma vez que a Noite do Decreto não pode ser fixada com precisão no calendário nem comparada com medidas humanas do tempo, ela empresta a todo o mês de Ramadã uma santificação especial (FERREIRA, 2007; p.242)²³

Segundo o site *islamismo.org*²⁴, “pode-se dizer que a Noite do Decreto significa o fim da era da *jahiliya* (ignorância), e o começo da mensagem final de Deus para a Sua criação. É um marco na separação entre as trevas e a luz, entre a ignorância e o saber, entre a falsidade e a verdade”.

Informações que comprovem a possibilidade dos Malês terem praticando o jejum durante a época da revolta são escassas, mas por serem muçulmanos que se empenhavam em praticar o Islã, é provável que tenham jejuado durante o mês de Ramadã. O jejum inicia-se na Alvorada e dura até o Pôr do Sol, durante esse período é proibida a ingestão de qualquer tipo de alimento ou líquido, mesmo que seja água. Estão proibidas também as relações sexuais.

O jejum, portanto, fortalece o homem que consegue controlar e liderar a si mesmo e ao seu corpo, demonstrando que a submissão deve ser apenas às vontades de Allah. O desígnio divino não deseja que os homens jejuem apenas para que possam se colocar no lugar dos mais necessitados, daqueles que passam fome, mas sim para que aprendam a controlar suas próprias vontades e necessidades, assim estarão fortalecendo o espírito e a mente que não deve ceder às vontades do corpo.

Na periferia, os membros do *Hip Hop* também lutam contra as tentações da vida mundana como, por exemplo, a obtenção de bens materiais por meio de ações criminosas. Como podemos ver na seguinte letra de rap islâmico:

(...) Feche os bares e os pontos principais harans da cidade
Me diz cadê nossas mulheres, nossas mães, nossos pais, os irmãos, nossas filhas e filhos
Vendendo o corpo, vendendo e usando o crack, consumo da morte em cada beco escuro da cidade (...)
(Said Chakkur El-Hakim, brasileiro revertido ao Islã)²⁵

²³ Site: www.geocities.com/islamicchat/cpeixoto_ramadan.html, consultado em 24 de agosto de 2005.

²⁴ Site: www.islamismo.org/bem.htm, consultado em 08/04/2010.

²⁵ A música na íntegra pode ser ouvida no seguinte endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=yqixUtlJMhY>. Acessado dia 18/14/2011.

Segundo alguns interlocutores deste trabalho, o Ramadã é mais importante para eles que para aqueles que não moram na periferia. A presença de “tentações” segundo eles é maior para aquele que moram em regiões periféricas. Para compreendermos melhor ao que se referem ao falarem sobre “tentações”, consideremos a letra da música “Capítulo 4 Versículo3” do grupo “Racionais Mc’s”, que nos foi sugerida por um dos próprios agentes deste trabalho ao questioná-los sobre alguma música que representasse a realidade vivenciada por eles:

(...) se eu fosse aquele moleque de toca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada sem roupa, você e sua mina
Um, dois nem me viu: já sumi na neblina
Mas **não**, permaneço vivo prossigo a mística
Vinte e sete anos **contrariando** a estatística (...)

Essa letra nos apresenta diversas reflexões a cerca da vida na periferia, mas o interessante ressaltar para que possamos compreender sobre a “tentação” que os interlocutores desta pesquisa se referem. É como o morador da periferia “desafia as estatísticas”. Segundo os membros do *Hip Hop*, “*permanecer na mística e ir contra a estatística*” significa não ceder aos crimes. Por mais difícil que seja viver, sendo pobre, negro, discriminado, ganhando pouco ou desempregado, com baixa escolaridade ou escolarizado por instituições públicas de pouca qualidade. Ele continua seguindo sua vida tentando se manter distante de uma vida associada à atos criminosos, por mais “tentador” e por mais difícil que a vida esteja. Ele se esforça para permanecer na “senda reta”.

Sendo assim, o jejum praticado pelo muçulmano que vive na periferia tem uma importância diferente de muitos outros muçulmanos – de origens árabes ou pertencentes às classes economicamente estáveis. O discurso dos muçulmanos que não moram na periferia diz que “o jejum no mês de Ramadã serve para que possam compreender os pobres”²⁶. O discurso daqueles que residem nas periferias é mais focado em não se desvirtuar, em não ter uma conduta errada, mais importante que deixar de comer, esses muçulmanos acreditam que o jejum no mês de Ramadã tem a intenção de controlar as vontades, incentivando o autocontrole do corpo e das vontades.

²⁶ Não só obtivemos diversos relatos que comprovam isso, como também podemos observá-los no documentário “Allahu Akbar” dirigido por Ferreira (2006).

Para Ferreira (2007), após mais de 20 dias de jejum, inicia-se um momento especial do jejum, pois já passou a fase da primeira semana que é de adaptação, estando, portanto nos últimos dias de jejum.

Assim, se a intenção é a entrega a Deus, só pode ser nesse momento que a entrega se torne mais intensa. O corpo já está adaptado, os pensamentos estão todos voltados ao divino, até porque passam a noite rezando... (FERREIRA, 2007, p.242).

Voltando a história do Malês, é possível que o jejum tenha influenciado no resultado da revolta, ou até mesmo tenha os motivado ainda mais.

O levante foi planejado para acontecer durante a alvorada, mas, de acordo com João Reis, o plano dos malês foi denunciado por duas escravas. Elas os denunciaram alegando fidelidade aos seus senhores e uma patrulha chegou ao local onde os malês estavam reunidos. A patrulha tentou forçar a porta para entrar e foi surpreendida com a saída de sessentas guerreiros africanos, isso suscitou numa batalha pelas ruas de Salvador. Em seguida esses rebeldes seguiram para a Câmara Municipal que ainda hoje funciona no mesmo local, pois em seu subsolo estavam presos os principais líderes malês.

A relevância desse evento é evidenciada pela escolha do nome da *mussala*²⁷ situada à rua Sete de abril no centro de São Paulo, que costuma ser frequentada por muitos africanos recém chegados ao Brasil e por integrantes do *Hip Hop*, que trabalham ou precisam passar pelo centro. A mesquita chama-se Bilal Al Habashi²⁸, por dois motivos; O primeiro motivo é sobre a história da origem do Islã, no século VII, Bilal Al Habashi foi um escravo negro que foi comprado e libertado por familiares do Profeta Muhammad, pois estava sendo torturado por não negar sua crença em um único Deus. Já em companhia do Profeta Muhammad, Bilal se mostra um excelente conselheiro e um verdadeiro crente no Islã. Por ter uma bela voz, o Profeta o escolheu para ser o primeiro homem a fazer o chamamento para as orações.

O segundo motivo é o mais apontado pelos entrevistados que frequentam a mesquita da rua Sete de abril. O motivo é muito semelhante ao primeiro, pois a história quase se repete no Brasil. Na Bahia do século XIX, em 1835, outro escravo, chamado Pacifico Licutan, mas que era mais conhecido pelo seu nome muçulmano: Bilal. Foi

²⁷ Sala destinada as orações.

²⁸ Segundo João José Reis, Bilal foi o assistente ou muezim – aquele que dirige as rezas – de Maomé. Na África ocidental bilal passou a ser o nome do próprio cargo de assistente.

torturado pelo seu amo que exigia que ele renunciasse sua crença. Entretanto o que levou Bilal à prisão foram as dívidas vencidas do seu amo e que, por conseguinte teve seus bens confiscados. Apesar disso, Bilal era um muçulmano que havia atingido uma posição de liderança e de destaque, por isso desejavam libertá-lo, era muito respeitado e foi considerado um dos líderes dos Malês.

Dados históricos mostram que o levante não foi bem sucedido porque ocorreu um fogo cruzado entre carcereiros e a guarda do palácio do governo. Muitos rebeldes então resolveram sair pelas ruas gritando com o intuito de acordar os escravos da cidade para unirem-se a eles na batalha. Os Malês seguiram rumo à cidade de Vitória para encontrar outro grupo numeroso de escravos malês, a batalhada sucedeu em diversos locais da cidade, deixando toda a cidade agitada e polvorosa, mas foram barrados no quartel da cavalaria na região Água de Meninos. Nesse ponto ocorre a última batalha, onde os malês são derrotados.

Mesmo derrotados:

A revolta tem consequências por todo o império e os políticos cobram medidas de segurança que possam evitar a repetição dos acontecimentos em Salvador. Os encarregados de exercer o controle sobre a população escrava passam a suspeitar do mais leve indício de insurreição. No parlamento e nos jornais são produzidos debates intermináveis sobre o fim efetivo do tráfico e da própria escravidão. (CAIRUS, 2002, p. 16).

Isso demonstra que não é de hoje que os negros muçulmanos são assuntos de manchetes e jornais. O jornal de São João Del-Rey, “Astro de Minas”²⁹, em 14 de março de 1835 publicou:

Não nos levemos de consideração de que nossos Africanos são estúpidos; eles são homens, e por conseguinte tem amor à liberdade e aspiram ao predomínio...

Nos meses e anos seguintes, a Revolta foi comentada em diversos jornais do Brasil. Os negros, especialmente os muçulmanos, estavam se tornando fortes ameaças a escravidão vigente. Mesmo não sendo vitoriosos, colocaram a estrutura social em risco. Se pensarmos nas teorias Anti-estrutura e Estrutura de Victor Turner (1974) podemos pensar nos malês como uma *communitas* que instituíam um drama social. Pois:

²⁹ Segundo o historiador José Teófilo Cairus (2002, p. 23), acredita-se que o artigo pode ter sido publicado originalmente no Diário da Bahia em 31 de janeiro de 1835, ou seja, seis dias após o fato.

“*communitas*, ou sociedade aberta, difere neste ponto da estrutura ou da sociedade fechada, pelo fato de ser potencial ou idealmente extensiva aos limites da humanidade. Na prática, naturalmente o ímpeto logo se exaure, e o próprio ‘movimento’ se torna uma instituição entre outras instituições” (1974, p.137). A *communitas* é, portanto uma sucessão encadeada de eventos entendidos como perfis sincrônicos que conformam a estrutura de um campo social a cada ponto significativo de parada no fluxo do tempo [...] representam uma complexa interação entre padrões normativos estabelecidos no curso de regularidades profundas de condicionamento e da experiência social e as aspirações imediatas, ambições ou outros objetivos e lutas conscientes de grupos ou indivíduos no aqui e no agora. (TURNER, 1974, p.138)

Demonstra que como Cavalcanti (2007) sugere, o drama social é “um campo de alternativas possíveis para a ação”. A *communitas* possibilita a suspensão das ações cotidianas e promove laços que unem as pessoas, por este motivo Turner (1974) a *liminaridade* favorece o surgimento das *communitas*, por isso a Revolta do Malês desencadeia-se num drama social que marcou a história dos negros no Brasil.

A Revolta dos Malês contou com a participação apenas de negros africanos, os negros que eram nascido no Brasil eram chamados de crioulos e não participaram do levante, por isso Reis (2006) acredita que se o levante tivesse dado certo, a Bahia provavelmente seria uma nação controlada pelos africanos, tendo à frente os muçulmanos. João Reis não para por aí, vai além e diz que talvez a Bahia se transformasse em um país islâmico ortodoxo ou até num país onde as outras religiões fossem toleradas. Mas outro fato importantes a saber é que o levante fez parte de uma *performance* política que realmente pretendia tomar o governo. Os malês buscavam ocupar o lugar da estrutura estabelecida.

Fuad³⁰, 34 anos e um dos representantes do movimento *Hip Hop* que trabalha na CDIAL certa vez disse:

Eram rebeldes que morreram pela liberdade, merecem respeito e admiração por isso, mesmo que não tenham sido bem sucedidos, os negros muçulmanos se organizaram e não aceitaram a escravidão.

A importância da revolta dos malês para esses jovens mostra que Karen Armstrong (2000) estava certa ao afirmar que “o pensamento mitológico olha para trás e não para frente.” Embora Armstrong estivesse se referindo as religiões, percebemos que

³⁰ Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.

a apropriação que esses jovens fazem da história é uma apropriação religiosa, pois estes fatos os religa a algo maior que eles mesmos, os religa a resistência e a força em lutar contra as injustiças, contra a escravidão.

Considerações Finais

A intenção deste artigo foi apresentar alguns elementos sinalizadores da aproximação de jovens pertencentes ao movimento *Hip Hop* ao Islã. Os dados encontrados deixam em relevo a importância de determinados fatos históricos que constituem esta aproximação e auxiliam na dinâmica estabelecida entre esses jovens e a religião. E, desta forma, podemos considerar que a cultura é dinâmica, porque o seu significado é público como diria Geertz (1989), tendo em vista a construção e afirmação da identidade negra para os adeptos do Islã no movimento *Hip Hop*. As narrativas são elaboradas conforme o conhecimento é adquirido. O conhecimento histórico pode ser ou não adquirido após a reversão à religião, mas certamente ele é, também, parte do discurso que vai mobilizar outros jovens a fazerem as mesmas aproximações. A maioria dos jovens que tivemos contato adquiriram informações sobre eventos históricos relacionados ao Islã após a reversão, mas há outros entrevistados, que nos relataram que por meio do Movimento Negro que esta aproximação se deu, principalmente pelo fato da transmissão de dados históricos envolvendo negros muçulmanos.

Bianca Caterina Tereza Tomassi

Mestre em Artes pela UNICAMP, graduada em Ciências Sociais pela PUC/SP. Pesquisadora do GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes – USP/RP) e do NAPEPDR (Núcleo de Antropologia, Performance e Drama – USP/SP).

Francirosy Campo Barbosa Ferreira

Professora de Antropologia no departamento de Psicologia da USP/RP. Coordenadora do GRACIAS e pesquisadora do GRAVI (Grupo de Antropologia Visual) e NAPEPDR. Desenvolve pesquisa sobre “Pesquisadoras Performers: olhando para o feminino no Islã” (FAPESP) e “Estéticas do sensível islâmico e o *embodiment* em religiões afro-brasileiras” (Projeto Temático Fapesp) Dedicada-se a estudos e pesquisas sobre comunidades islâmicas no Brasil desde 1998.

Resumo: Os objetivos deste artigo são: apresentar os motivos que resultam na conversão de jovens pertencentes ao movimento *Hip Hop* ao Islã, e desta forma, evidenciar a importância de determinados fatos históricos que constituem esta aproximação, assim como, acentuar a importância da construção e afirmação da identidade negra para os adeptos do Islã no movimento *Hip Hop*. Partimos de dados coletados em campo de 2009 a 2011 em grupos diversos na periferia de São Paulo e ABCD.

Palavras-Chave: *HIP HOP*, Islã, Jovens, Periferia.

Abstract: The aim of this paper is the reasons that lead the young people in the *Hip Hop* movement to convert to Islam, thus highlighting the importance of certain historical facts in this approximation as well as emphasizing the importance of the construction and affirmation of black identity for adherents of Islam in the *Hip Hop* movement. We start from the collected field data of 2009 to 2011 on various groups in the outskirts of São Paulo and the ABCD region.

Key-Words: *HIP HOP*, ISLAM, Periphery, Young.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Elaine Nunes de. Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH-USP, 1996.
- ARMSTRONG, Karen. Maomé uma biografia do profeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAIRUS, José Antônio Teófilo. Jihad, Cativo e Redenção: escravidão, resistência e irmandade, Sudão Central e Bahia. Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS, 2002.
- FERREIRA, Francirosy C. B. Entre Arabescos Luas e Tâmaras: Performances Islâmicas em São Paulo. Tese de Doutorado (Antropologia Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- KNIGHT, Michael Muhammad. The Five Percenters: Islam, Hip Hop and the Goods of New York. Oneword, Oxford, Englad, 2007.
- PINTO, Paulo Gabriel Hílu da Rocha. Islã: Religião e Civilização – Uma abordagem antropológica. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.
- REIS, João José. Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos Malês em 1935. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- SILVA, José Carlos Gomes da. Rap na Cidade de São Paulo: Música, Etnicidade e Experiência Urbana. Tese de Doutorado. (Ciências Sociais). IFCH. São Paulo Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- TURNER, Victor W. O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 116 – 159.

Recebido em: 12/03/2012

Aceito para publicação em: 25/05/2012